

so um volume impresso em que reuniu sugestivo documentário da constituição e realizações do atual sistema estatístico, geográfico e censitário do país, e apreciações sobre vários aspectos em que se desdobra a sua atuação no plano municipal. Considerando o município como unidade territorial primária da coleta estatística, o Instituto expõe a solução dos dois problemas vitais que se lhe apresentaram no início das suas atividades, em Maio de 1936: a uniformização das pesquisas estatísticas e coordenação de resultados; criação e filiação ao Instituto dos serviços municipais de estatística para a coleta primária dos dados necessários aos levantamentos efetuados pelos Estados e pela União. Mostra as campanhas realizadas nos sentidos da valorização da vida municipal, tais como a sistematização do quadro territorial e o levantamento dos mapas municipais, o apoio e estímulo à criação de biblioteca, museu e arquivo em cada município e o levantamento das tábuas itinerárias. Ressalta, por fim, a importância concedida ao muni-

cípio na planificação dos trabalhos do Recenseamento Geral de 1940, especialmente prevendo a publicação dos resultados referentes a cada Unidade Federada com os desdobramentos em função da divisão municipal e distrital.

Foi decerto apreciando tudo isso que o II Congresso Inter-Americano de Municípios, num gesto cuja significação não deve passar despercebida e que nos deve ser particularmente grato, elegeu o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para coordenar a estatística municipal panamericana, ficando determinado que a esse órgão devem se dirigir todas as municipalidades das Américas sobre o assunto.

Tal como aconteceu no Oitavo Congresso Americano e por ocasião da recente escolha do presidente do Instituto Inter-Americano de Estatística, o sistema estatístico brasileiro vem de colocar o nosso país numa posição de destaque na vida política e cultural do continente.

PROFESSOR RAIMUNDO LOPES

Nesta cidade, faleceu a 8 de Setembro deste ano, o professor RAIMUNDO LOPES, etnólogo do Museu Nacional e cientista de reputada projeção na especialidade a que entusiasticamente se devotou e serviu com abundante e valioso cabedal de cultura, produto de longas, pacientes e criteriosas pesquisas locais, feitas em várias regiões do país.

O extinto que, sobre ser homem de ciência, era também poeta, jornalista, professor e crítico literário, vinha há cerca de trinta anos, de eruditos e pacientes trabalhos, enriquecendo a nossa cultura.

Havendo começado a exercer suas fecundas atividades intelectuais, apresentando trabalho de ficção, mesmo em contribuições dessa natureza encontravam, entretanto, os seus críticos, dentre os quais estrangeiros de renome, vez por outra, revelações de um espírito inclinado aos altos arroubos do pensamento e à agudeza das pesquisas científicas.

Um exemplo desse faceta do seu espírito aprimorado é o seu ensaio apreciativo da poesia americana de GONÇALVES DIAS, onde RAIMUNDO LOPES disse de início que a lira do poeta era um símbolo tão continental como a espada de BOLÍVAR, e sobre o qual D. LEOPOLDO RAMOS JIMENEZ declarou tratar-se de um trabalho de Sociologia e ao mesmo tempo de Geografia e de História, dada a agudeza e a propriedade dos conceitos emitidos pelo autor, ao analisar a

obra do nosso maior vate indianista e consagrado etnólogo.

Passada essa ligeira fase inicial, comum aliás, a quase todo aquele que se inicia nas letras, voltou-se RAIMUNDO LOPES DA CUNHA, — tal era o seu nome por extenso — a abordar assuntos mais sólidos, inscrevendo-se nesse rol o seu *O Torrão Maranhense*, obra editada em 1916 e que, ainda hoje, figura como um dos mais sérios, e completos estudos publicados sobre o Estado do Maranhão.

Nessa contribuição, ao lado do aspecto fisiográfico da região, o autor focaliza a vida, a formação humana e a Geografia regional e histórica, mostrando-se já naquela época, possuidor de seguros conhecimentos desse novo ramo de ciência geográfica a que se deu a denominação de Geografia Humana, ramo a que veio finalmente se especializar para ser um dos seus precursores no país, e cultor dos mais apaixonados e eruditos, sendo-lhe familiar, nesse sentido, todas as teorias esposadas pelos clássicos dessa difícil matéria que ele interpretava com segurança e brilhantismo.

Possuidor de acurado espírito crítico e de método rigorosamente científico para pesquisas, foi ainda esse cientista brasileiro, quem, no país, deu real importância aos estudos sobre as nossas cidades lacustres, ao realizar indagações sobre as palafitas. Logo no início da sua carreira etnológica, fez proveitosas escavações na estacaria do lago de

Viana, Município dêste mesmo nome, no Maranhão, logrando, então, recolher material de primeira ordem de que, posteriormente, se serviu para o prosseguimento dos utilísimos estudos que realizou acêrca dêsse assunto de tão acentuada relevância.

Não somente as conclusões evidenciadas nessas pesquisas, como também as que êle chegou quanto aos sabaquís do Turí, na ilha de São Luiz, valeram-lhe, a par de entusiásticos aplausos de incentivo e de apoio partidos de mestres dêsses pouco estudados assuntos, honroso convite para ocupar um cargo técnico no órgão especializado do país — O Museu Nacional.

Foi um etnógrafo dêsse porte que a morte veio surpreender ainda jovem e entregue ao mais proveitoso e erudito labor, pois estava êle realizando ultimamente um interessante programa científico na elaboração de oportunos estudos sôbre vários problemas brasileiros, contando-se entre estes, o mapa, ainda inédito, da distribuição dos índios na América do Sul e um livro, cujo título só era do conhecimento dos seus íntimos.

RAIMUNDO LOPES, ao lado dos afazeres de funcionário dos mais destacados do Museu Nacional, cuja soma de tarefas que executou alí, resultou em cuidadosos estudos etnográficos, exerceu também os seus labores científicos fora do âmbito de sua repartição. Comparecia assim, com frequência, nas colunas de jornais e de revistas técnicas firmando trabalhos científicos e ocupava, vez por outra, as salas de conferências para debater, também por êsse meio, com brilhantismo e conhecimento de causa, os assuntos de sua especialização, tendo, ao que parece, realizado a sua última palestra no salão de conferências do Ministério do Trabalho, onde, com proficiência e erudição, versou sôbre a divisão das zonas de alimentação do Brasil.

Outra contribuição recente do ilustre cientista maranhense foi o mapa etnográfico do país que figurou no nosso pavilhão na Exposição do Mundo Português, cuja confecção obedeceu à sua segura orientação.

Entre os trabalhos científicos de RAIMUNDO LOPES, além dos já citados, merecem referência o que diz respeito à sua descoberta das estearias (construções palafíticas) do Maranhão, os estudos sôbre os índios Urubús, as contribuições ao conhecimento da arte plumária e a obra *Entre a Amazônia e o*

Sertão (Boletim do Museu Nacional) e o Mapa fitogeográfico do Maranhão, ainda inédito.

O falecimento do abalizado cultor da nossa ciência etnográfica deu lugar a que vários órgãos científicos do país manifestassem o seu sentimento ressaltando a grande perda que representa para o Brasil o passamento do erudito naturalista que foi RAIMUNDO LOPES DA CUNHA.

Numa das reuniões da Academia Brasileira de Ciências, o Professor MELO LEITÃO após falar sôbre a personalidade e a obra do extinto pediu e obteve voto unânime de pesar.

Também o Sr. ANGIONE COSTA na reunião de 17 de Setembro último do Conselho de Fiscalização das Expedições Científicas e Artísticas no Brasil, salientou a importância dos trabalhos de etnografia indígena, feitos com honestidade e critério pelo etnólogo desaparecido, fazendo sentir que se tratava de um estudioso simples e modesto, cujo desaparecimento havia passado muito despercebido, sendo êle, no entanto, um dos primeiros a abrir caminhos em terreno científico ainda pouco desvendado no Brasil, propondo por isso que se inserisse na ata voto de intenso pesar, no que foi igualmente atendido unanimemente.

O naturalista RAIMUNDO LOPES DA CUNHA era natural do Estado do Maranhão, tendo nascido na cidade de Viana em 28 de Setembro de 1894. Foram seus pais o desembargador MANUEL LOPES DA CUNHA que também exerceu o cargo de governador daquele Estado, e D. MARIA DE JESÚS LOPES DA CUNHA.

Vindo residir nesta capital, ingressou, em 1924, como contratado do Museu Nacional tendo, depois, de obter aprovação num concurso que alí fez, conquistado a regência da cadeira de Antropologia. Em Dezembro de 1938 foi nomeado naturalista letra K da mesma repartição. Em Abril ainda dêste ano obteve promoção por merecimento.

Era o extinto, membro do Conselho Consultivo do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, professor vitalício do Liceu Maranhense, membro da Academia Maranhense de Letras e de outros órgãos culturais do país.

Deixou viúva D. GRAZIELA COSTA LOPES DA CUNHA e duas filhas menores — MARIA CECÍLIA, de 9 anos e IARA GRAZIELA, de 7.